



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Aurora Cardoso de Quadros*

*Universidade Estadual de Montes Claros*

[orcid.org/0000-0002-0511-2090](https://orcid.org/0000-0002-0511-2090)

[auroracardoso2010@hotmail.com](mailto:auroracardoso2010@hotmail.com)

## *Tradutor de Whitman e de Shakespeare: Gentil Saraiva Júnior*

*RESUMO: Gentil Saraiva Júnior é formado em Letras (Inglês/Português) pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado e doutorado em tradução literária pelo Programa de Pós-Graduação (PPG) em Letras da mesma universidade, com foco em tradução de poesia. É mineiro de Espinosa e mora em Porto Alegre desde 1986, para onde se mudou aos dezenove anos. Especialista em tradução, dedicou-se por trinta anos à recriação em português da obra completa de Walt Whitman, Folhas de Relva, em sua edição do leito de morte, de 1891-92. A partir de 2016, tem se dedicado a traduzir obras de William Shakespeare, publicadas pela Ed. Martin Claret: Rei Lear, já publicado (2017); Hamlet, também publicado (2020), e A Doma da Megera, com edição prevista para 2021. Criterioso, revela as etapas do seu processo de tradução nesta entrevista, cujo interesse nasceu da pesquisa realizada pela entrevistadora, em seu estágio pós-doutoral em andamento na Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa tem como um dos focos o estudo sobre as referências culturais e literárias do poeta português Fernando Pessoa, que teve formação inglesa, tendo sido considerado “anglómano” por Octávio Paz. Sendo Shakespeare e Whitman dois importantes autores para o poeta da heteronímia, Gentil Saraiva Júnior consiste em apoio teórico para o entendimento de aspectos formais e temáticos acerca dos modelos da língua inglesa adotados pelo poeta português. Em conversa com esta pesquisadora, o tradutor revelou importantes aspectos do seu trabalho e das obras por ele traduzidas.*



1) Entrevistadora: Começando por aquele nome que os teóricos mais associam a Fernando Pessoa, você já traduziu toda a obra *Leaves of Grass*, do Walt Whitman, além de outros poemas que não se incluem nesse título. Sua tradução abarca realmente toda a obra poética deste autor?

**Entrevistado:** Sim. No entanto, é preciso ressaltar que a obra poética completa aqui referida é a que consta da nona e última edição, a chamada Edição do Leito de Morte, de 1891-92, que é a preferida e recomendada pelo poeta para impressão futura, conforme nota na página de copyright dessa edição. Além do texto dessa edição integral da obra conforme a vontade do autor, há muitos poemas e trechos de poemas que foram excluídos de *Folhas de Relva* por ele, mas que sobreviveram em manuscritos, e que estão publicados em volumes como *Leaves of Grass and Other Writings*, da Ed. Norton (na coleção Norton Critical Editions), para leitura e consulta do público.

2) Entrevistadora: Quais as características que você evidenciaria como centrais, sejam formais ou temáticas, na poética de Whitman? Como exemplo, como selecionar o termo que melhor atenderia ao critério de forma e conteúdo?

**Entrevistado:** A característica formal mais importante da poesia whitmaniana é o verso livre, ou branco, como é chamado o verso sem rima final, e que também não obedece aos tipos tradicionais de composição e estrofação. Whitman é considerado o inventor desse tipo de verso, tendo influenciado ainda no século dezenove poetas de vários países e continentes. Outro aspecto importante, geralmente negligenciado por estudiosos, é o fato dele também ter criado o conceito de "work in progress", pois após a primeira edição de sua obra, em 1855, a cada vez que escrevia novos poemas e/ou livros de poemas, ele os publicava junto com os anteriores, tendo assim sua obra completa a cada edição, até a nona e última, como referido acima. Esse tipo de trabalho foi assimilado por Ezra Pound, por exemplo, ganhando fama com esse grande poeta e filho literário

de Whitman.



Quanto ao conteúdo, seus temas centrais são o espírito, a liberdade, a democracia e as realizações do mundo moderno. Ele tratou da igualdade entre os gêneros e da liberdade de expressão, sendo publicamente reconhecido ainda no século dezenove por essa atitude por ativistas que lutavam por direitos políticos iguais para todos.

### 3) Entrevistadora: Quais as dificuldades encontradas na tradução da obra de Whitman?

**Entrevistado:** Há muitas, como sempre, quando se trata de um grande autor. A primeira, em *Folhas de Relva*, é sua aparente facilidade, já que a maioria absoluta de seus versos são livres/brancos. Essa aparente facilidade é a armadilha mais óbvia para derrubar um tradutor desavisado. Por isso nunca perco de vista a colocação de T. S. Eliot sobre esse problema: "não existe verso livre (é uma ficção)" e a de Pound: "atente para o som do verso" (que a poesia não deve se distanciar da música). Os versos podem ser livres de formas tradicionais de composição e de rima, mas eles não são versos livres de poeticidade, de acentuação, de ritmo e outros aspectos que caracterizam a poesia e a diferenciam da prosa.

351

### 4) Entrevistadora: Em que nível é possível ser leal a uma obra artística em versos? Em Whitman, que características você apontaria como favoráveis ou desfavoráveis à tentativa de lealdade à sua escrita?

**Entrevistado:** Não sei se posso afirmar a possibilidade de lealdade total a uma obra, mas ao menos posso dizer que é possível tentar. No meu caso, meu foco foi tentar recriar a forma e o conteúdo, ou seja, inserir o sentido numa combinação de formas poéticas que pudessem espelhar o original, mas sem depender dele, para que o leitor possa usufruir da leitura sem recorrer ao original a cada passo. Por outro lado, o texto recriado também pode ser justaposto ao original e comparado, linha a linha, com ele, para se avaliar a eficiência do mesmo e ver se a proposta foi atingida.

Como falei na resposta anterior, não há características que favoreçam a lealdade na tradução, pois a única que poderia fazer isso, o verso livre, ou seja, a falta de rimas finais constantes acaba



sendo uma armadilha, porque a desconstrução das formas tradicionais poéticas foi realizada sobre o conhecimento delas, e assim os versos tradicionais estão espalhados pela obra do bardo norte-americano, modificados e disfarçados em outras métricas, o que leva o tradutor a primeiro conhecer essas formas, a versificação em língua inglesa, desde os poetas ingleses antigos até os do século XIX, para poder entender o que Whitman fez. Além disso, foi preciso criar uma equivalência, uma adaptação da versificação inglesa para a versificação em português, para poder fazer essa transposição da poesia das *Folhas* para nossa língua. Em suma, não há facilidade.

**5) Entrevistadora:** Em que pontos a sua tradução, lendo-a hoje, é mais satisfatória, ou seja, em que pontos você acha que atingiu o melhor resultado possível em sua tarefa de traduzir o poeta? Por quê?

**Entrevistado:** Esta resposta é uma continuação da anterior. Acho que minha recriação, essa operação de transpor um conjunto de significados e significantes de um tipo de versificação para outro, mantendo aspectos como rimas internas, assonâncias, aliterações, e principalmente ritmo, foi satisfatória, pelo menos para mim. E essa avaliação eu faço para a obra toda, pois o padrão foi mantido do início ao fim. E isso não tem mudado com o tempo. A cada releitura que faço, minha opinião continua a mesma. Quanto aos leitores, só eles poderão dizer se a leitura será satisfatória para eles.

**6) Entrevistadora:** A tradução de versos distingue-se formalmente da tradução de prosa. Que particularidades você ressalta, em relação à tradução da obra do Whitman, como iconoclasta do padrão clássico de versificação?

**Entrevistado:** Esta questão está diretamente relacionada às primeiras perguntas, que é o verso livre. No entanto, isso não se resume à falta de rimas finais; há o aspecto dos versos longos, em que um único verso ocupa várias linhas, mas sem perder o ritmo.

**7) Entrevistadora:** Por que você decidiu traduzir a obra de Shakespeare?



**Entrevistado:** Eu já tinha recebido sugestão de um amigo tradutor, grande mestre nesta arte, o Prof. Lawrence Flores Pereira, da UFSM, para traduzir Shakespeare, quando eu ainda não tinha terminado *Folhas de Relva*. Contudo, a decisão mesmo só foi tomada quando recebi a proposta da Martin Claret para traduzir *Rei Lear*. Depois disso, então, recriei *Hamlet*, e agora estou finalizando *A Doma da Megera*. Em suma, resolvi aceitar o desafio de inventar Shakespeare em nossa língua em versos. Outra dificuldade enorme, pois o processo é semelhante ao feito com *Folhas de Relva*, de recriar uma versificação que desse conta do pentâmetro iâmbico, sem perder o ritmo, mas sem espremer as características analíticas do português ao sintetismo do inglês, para que os versos soassem naturalmente para nós. A explicação para o processo está em minhas notas em cada obra publicada. Deixo essa sugestão para atiçar a curiosidade dos leitores.

**8) Entrevistadora: Como você explica a perpetuação desse clássico?**

353

**Entrevistado:** Shakespeare é um gênio da humanidade, e tem a capacidade de retratar suas peculiaridades em sua obra, com inventividade constante. Nunca se tornará ultrapassado, exatamente porque ele ultrapassa tudo.

**9) Entrevistadora: Como tradutor, você apontaria na escrita de Shakespeare alguma particularidade a ser ressaltada?**

**Entrevistado:** Naturalmente, o pentâmetro iâmbico. *Hamlet*, por exemplo, é a peça mais longa de Shakespeare, e a que contém mais versos: setenta e cinco por cento do texto são versos. Só isso dá espaço para infindáveis volumes de pesquisas por séculos.

**10) Entrevistadora: O que esse detalhe implica no processo de tradução para a língua portuguesa?**

**Entrevistado:** Implica muitas coisas. A principal delas é como cada tradutor enfrenta esse problema. E mesmo entre aqueles que decidiram traduzir os pentâmetros em versos, como cada um o fez. No meu caso, criei uma regra para não ser pressionado



nem ser obrigado a sacrificar nenhum significado do original: fixei o limite máximo de quatorze sílabas métricas (o chamado verso alexandrino arcaico, ou espanhol; tanto com quatorze sílabas terminando na última tônica quanto na última átona) para conduzir o sentido do texto do pentâmetro iâmbico, equivalente em número de sílabas ao decassílabo do português. Assim foi possível colocar o texto em português sem forçar a linguagem, sem torná-la artificial, sem criar inversões constantes, deixando a fala soar do jeito que ela precisa em cada cena, com a característica de cada personagem. Tensa ou prolixa, austera ou brincalhona quando foi preciso ser assim, não por uma imposição do tradutor.

**11) Entrevistadora:** Existem expressões praticamente intraduzíveis de uma língua para outra. No seu percurso como tradutor de Whitman e Shakespeare, há alguma ocorrência que, para você, permanece não satisfatoriamente compreendida ou traduzida? Qual e por quê?

**Entrevistado:** Há várias ocorrências desse tipo. Talvez eu não possa dizer que não foram satisfatoriamente compreendidas, porque busco incansavelmente pela compreensão de tudo, utilizando todas as fontes possíveis de interpretação das obras a partir de diferentes edições críticas (muitas vezes muito tempo é despendido para essa compreensão); mas, com certeza, posso dizer que várias ocorrências não foram satisfatoriamente traduzidas. Refiro-me, especialmente, aos trocadilhos shakespearianos. Na maioria dos casos, o que se consegue é uma aproximação de termos em português para compor os trocadilhos; ou seja, termos que quase explicam o trocadilho, com notas explicativas, mas que não recuperam integralmente os termos originais (alguns exemplos: *sun/son*; *fine* em suas várias acepções: bem, multa...; *deer/dear*). Em geral, só é possível recriar o trocadilho quando casualmente o termo é de origem latina e é o mesmo em nossa língua.

**12) Entrevistadora:** Você, como leitor desses dois ícones da literatura, já observou alguma falha de tradução que, no seu modo de ver, tenha prejudicado o texto original? Poderia citar ocorrências?



**Entrevistado:** Sim, muitas. Contudo, não é possível fazer um histórico aqui disso, pois seria preciso fazer um estudo de cada tradução e apontar as falhas, e isso demandaria muito tempo e espaço. No entanto, posso citar dois aspectos que podem propiciar falhas: traduzir versos em prosa, já que isso pode

provocar um relaxamento na linguagem que não existia no original, embora um verso mal traduzido possa causar o mesmo efeito; e traduzir versos cortando trechos do original ou mesmo subdividindo versos em trechos menores, como já ocorreu com *Folhas de Relva*, em que os longos versos de Whitman foram seccionados em extensões menores (o tradutor afirma que seu trabalho foi uma “superinterpretação” do texto dirigida ao “leitor brasileiro não erudito”, e que, mesmo subdividido, está completo, sem cortes do original; o que não é verdade: no poema “Eu Canto o Corpo Elétrico”, ele omitiu a seção 9 por inteiro, findando o poema na parte 8; CAMPOS, 2002, p.53). Este caso é clássico, pois a explicação do método de corte está no posfácio de Geir Campos para sua tradução da coletânea chamada *Folhas das Folhas de Relva*. Cito este porque é um caso público e conhecido, e foi o próprio tradutor que deixou isso por escrito em sua publicação, e que se tornou um dos motivos iniciais a me incitar a traduzir Whitman mantendo sua forma original de versificação (Conferir *Folhas das Folhas de Relva*, seleção e tradução de Geir Campos, Ed. Brasiliense, São Paulo-SP, 2002, p.141).

355

**13) Entrevistadora:** Num processo de tradução, o que é mais importante para o resultado final do texto?

**Entrevistado:** Depende do método do tradutor. Cada um tem o seu próprio método. Por exemplo, quando Millôr Fernandes traduziu *A Megera Domada* (L&PM Pocket, 1998), o objetivo dele foi fazer um texto mais teatral, uma tradução voltada para a encenação e não para a leitura. Por isso a edição não tem notas de rodapé (apenas algumas notas finais, onde ele explica sua ideia) e é um texto todo em prosa (fora uma ou outra rima pontual). No meu método, eu combino a recriação da forma do original, sem perder o conteúdo, o significado. Isso quer dizer que o que está em prosa no original é traduzido em prosa, e o que está em



verso é traduzido em verso. Isso implica, como já mencionado, no transporte ou adaptação de um sistema de versificação em língua inglesa para outro em nossa língua, com todas as questões poéticas que esse trabalho traz. Assim, o que é mais importante é se o tradutor conseguiu colocar em prática sua ideia de trabalho, se o que ele pensou e planejou foi realizado nessa travessia de um sistema linguístico para o outro. Finalizando, minha intenção é recriar em português uma obra (no caso do teatro) tanto para ser lida quanto para ser encenada, com o máximo de informação possível, para que leitores, atores e diretores possam fazer suas escolhas da forma mais ampla possível. No caso da poesia de *Folhas de Relva* e outros, a ideia é que os textos possam ser lidos em silêncio e também em voz alta: todos os versos foram testados assim, em todos os casos.

**14) Entrevistadora: Que orientação você daria a um iniciante brasileiro em tradução da língua inglesa para a língua portuguesa?**

**Entrevistado:** Para começar, eu diria para ler os ensinamentos de Ezra Pound sobre o ofício da tradução contidos no livro *ABC da Literatura (ABC of Reading)* e em outras obras dele, pois ele é um mestre para todos nessa área. Depois, a teoria e prática da escola Concretista de poesia (Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari), e depois o trabalho de outros tradutores, como o do Prof. Lawrence Flores Pereira, tradutor de Shakespeare (*Hamlet, Otelo, Rei Lear*), T.S. Eliot, Sófocles (*Antígona*), Charles Baudelaire e outros. No meu caso, acho que já tenho um bom legado nesta área também, pois tive que inventar meu próprio método de tradução a partir do aprendizado com todos esses mestres. Aliás, foram os concretistas que traduziram essa obra do Pound, que tem uma edição recente pela Cultrix, de 2014.

**15) Entrevistadora: Há uma ligação entre esses autores de língua inglesa e o poeta português Fernando Pessoa, leitor de ambos os autores, o inglês e o americano. Pessoa já externou sua identificação com ambos. Como você**

**vê essa aproximação?**





**Entrevistado:** Em se tratando de poetas, ou literatos em geral, é praticamente impossível escapar da onda de influência de grandes autores. Não temos como estudar poesia grega e desviar de Homero. Todavia, quando se trata de grandes poetas que se identificam com a obra de outros, o nível de influência aumenta em graus inimagináveis. Sendo assim, cada caso precisa ser estudado individualmente, e Fernando Pessoa certamente é um desses.

16) Entrevistadora: O que você observou durante o conhecimento das duas autorias traduzidas por você quanto à genialidade e à técnica?

**Entrevistado:** Que eles possuem alta capacidade inventiva e criativa, dominam as técnicas literárias e as elevam ao máximo. Como cito na última resposta, ao falar de Ezra Pound, eles podem ser classificados como inventores, em alguns aspectos da literatura (novas formas poéticas, como o verso livre, de WW) e do teatro, com novas formas de elaborar peças, conjugando tradição folclórica popular da Inglaterra e a *commedia dell'arte* da escola italiana, por exemplo, no caso de Shakespeare, que já inovou desde sua primeira comédia, *A Doma da Megera* (que talvez também seja sua primeira peça; minha tradução será publicada em 2021 pela Martin Claret, com introdução e notas históricas, críticas e explicativas).

17) Entrevistadora: O que se sobressai como efeito no trabalho de tradução que você faz, o prazer estético de aprofundar nesses ícones da literatura ou o suor e o árduo esforço em cumprir a tarefa da melhor maneira possível?

**Entrevistado:** Para mim, ambos os aspectos se unem para o resultado estético desejado; o trabalho é longo, árduo, difícil; porém, todo ele é feito em busca da forma mais apropriada para recompor o sentido e a forma do original, para tentar recuperar isso na língua de chegada. Nem sempre é possível, não há equivalências diretas na maioria dos casos, no entanto, é possível recriar possibilidades num outro sistema de versificação.

18) Entrevistadora: Fernando Pessoa escreve uma ode a Whitman em que diz: "Eu sou você", ultrapassando os



limites da inspiração, do espelhamento ou da cópia. Você acredita em uma literatura original, ou seja, em uma obra "isenta" do ponto de vista da originalidade e da propriedade intelectual? Neste sentido, em que patamar, no seu critério pessoal, seriam enquadrados os dois autores de língua inglesa e o autor Fernando Pessoa?

**Entrevistado:** Eu acredito em literatura original, criativa, nova; entretanto, é preciso ter em mente que isso não é possível em todos os aspectos de uma obra. Sendo assim, não existe literatura isenta, no sentido que entendo de isenta de influências, seja de autores de mesma nacionalidade, seja de autores estrangeiros (mesmo numa cultura isolada do resto do mundo, seus autores/criadores/atores se influenciarão, criando uma tradição comum, um corpo literário coletivo, que se intercomunica e se interinfluencia). Considero os três autores citados os maiores em seus países, e tenho a inspiração e companhia do Harold Bloom nessa avaliação, que coloca Shakespeare como o centro do Cânone literário europeu e Whitman como o centro do Americano; certamente Pessoa é o centro do Cânone Português, junto a Camões. E a obra desses três bardos tiveram fortes influências de outros autores, especialmente Pessoa desses outros dois, como é fácil comprovar, já que ele mesmo os cita nominalmente. Quanto a Shakespeare, também não é difícil verificar o quanto ele foi inspirado por outras obras e autores na composição de suas peças, além dos próprios acontecimentos históricos [cada uma delas tem um histórico de peça(s) ou texto(s) anteriore(s), além da cultura e costumes sociais de cada grupo representado].

Como diziam Ezra Pound e Harold Bloom, a questão é como cada autor resolve esse problema da influência em sua arte, se ele é capaz ou não de utilizar todo o arcabouço literário absorvido para criar algo novo a partir dali, ou se ele será apenas uma imitação. Pound inclusive inventou uma classificação para escritores de acordo com a presença (ou não) dessa capacidade (re)criativa nos autores que ele estudou, em que os autores são categorizados de acordo com a eficiência da linguagem, isto é, de como a

linguagem é carregada de significado ao máximo. Na visão de Pound, as duas primeiras categorias são fáceis de identificar:



inventores e mestres; os outros vão depender de como se avalia cada autor em cada contexto, para ver como cada um se encaixa; diluidores (de tendências literárias, por exemplo), depois aqueles que fazem um trabalho mais ou menos bom dentro do estilo de um período; beletristas; e, por último, os criadores de modas (POUND, 1968, pp.23-24, em *Literary Essays of Ezra Pound*). Para mim, os três autores citados estão nas duas primeiras categorias (no mínimo, são mestres de sua arte, e inventores em vários aspectos delas).

Recebido em 21 de outubro de 2020.  
Aprovado em 25 de janeiro de 2021.